

SOCIOLINGUÍSTICA E LIVRO DIDÁTICO - AVANÇOS E PROBLEMAS

Fernanda Soares da Silva Torres
E-mail: fernanda_japeri@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/8829547665006624>

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a relevância dos conceitos da Sociolinguística na educação. Será analisado, para isso, o capítulo 12, intitulado *Linguagem e variação linguística*, do livro *Português: contexto, interlocução e sentido* – volume 1, com o objetivo de demonstrar como os estudos sociolinguísticos contribuem para a inclusão da abordagem da variação linguística no ambiente escolar.

Palavras-chave: Sociolinguística; preconceito; livro didático.

Esse trabalho baseia-se na teoria sociolinguística de LABOV (2008), pois busca verificar como a Sociolinguística pode contribuir para a elaboração de materiais mais adequados ao estudo da língua portuguesa. Para isso, será analisado o capítulo sobre variação linguística do livro o capítulo 12, intitulado *Linguagem e variação linguística*, do livro *Português: contexto, interlocução e sentido* – volume 1.

Conforme assinala TORRES (2014), é importante salientar que a Sociolinguística é a área da Linguística que .

analisa a língua em situação de uso e investiga os aspectos linguísticos e sociais da realidade da fala. Ela busca analisar a heterogeneidade das línguas e encontrar regularidade na variação linguística. Isso ocorre, pois a variação demonstra o caráter que a língua possui de adaptar-se na comunicação, por isso ela não é assistemática. (p.15)

A sociolinguística no ambiente escolar

Sabe-se que é papel da escola conhecer a variedade linguística trazida pelo aluno e não estigmatizá-la, pelo contrário, ela deve utilizar sua estrutura para ensinar a língua padrão. Tendo em vista que esse é o local no qual deve ocorrer a socialização dos alunos e o respeito entre as diferenças, torna-se necessário que os professores aceitem as diferentes variações que os cercam. E aos alunos cabe compreender as diferentes modalidades na qual a língua pode existir, bem como reconhecer as diversas variedades para usar a mais adequada a cada situação.

Infelizmente, não é isso o que ocorre muitas vezes. Sabe-se que o preconceito linguístico existe em várias entidades sociais. Entretanto, neste trabalho, será analisada a presença deste exclusivamente no ambiente escolar.

A Sociolinguística não conseguiu acabar com o preconceito linguístico, mas, pelo menos, trouxe à tona essa questão e demonstrou que não há explicações para o mesmo ainda existir. Conforme assinala BAGNO, “não se pode negar que a língua é heterogênea e “enquanto houver gente falando uma língua, ela estará em constante variação e, conseqüentemente, vai sofrer mudança” (p.118, 2003). Um exemplo disso são os diferentes vocábulos utilizados para designar o mesmo significado existente em diferentes regiões do país. Vale citar também que os próprios falantes dito cultos utilizam, em situações informais, construções pertencentes à variedade não-padrão. Sendo assim, o que parece gerar o preconceito, aparentemente linguístico, são fatores de ordem socioeconômica.

Essa atmosfera de preconceito acaba atingindo o ambiente escolar. O aluno que vem de uma classe estigmatizada, em geral, chega à escola sem dominar a variedade padrão. A escola, em vez de utilizar a variedade trazida pelo aluno, acaba permitindo ou, por muitas vezes, disseminando o preconceito linguístico.

A mídia também contribui para a propagação dos preconceitos linguísticos. Não são incomuns notícias que propagam o uso certo e criticam o errado na língua

portuguesa. Tal postura é adotada, em muitos casos, por pessoas que não conhecem os estudos da Linguística e, nem mesmo, da Gramática Tradicional.

Um exemplo muito propagado nos meios midiáticos, que serve como justificativa deste artigo, foi a divulgação, em 2011, do capítulo *Falar é diferente de escrever*, que faz parte do livro *Por uma vida melhor* de Heloísa Ramos. Esse livro foi direcionado a alunos da Educação Jovens e Adultos. O mesmo foi muito criticado pela mídia de forma geral e o argumento de que ensina a falar errado foi muito utilizado. Entretanto, o capítulo ensinava regras de pontuação, emprego de pronomes segundo a norma padrão e concordância verbal. Apenas o fato de considerar que a fala é diferente da escrita foi o suficiente para ser criticado. A autora colocou de forma muito eficaz alguns traços presentes na norma popular, que são aceitos na fala e ainda salientou que quem falasse uma frase como “Nós pega o peixe” poderia ser vítima de preconceito linguístico. Isso ocorreria, segundo ela, pelo fato de as pessoas encararem a norma culta da língua como a mais adequada para qualquer modalidade e contexto linguísticos.

Esse é um assunto de extrema preocupação para os educadores, tendo em vista que se os alunos não conseguirem perceber que a língua varia e sofre mudança, terão em mente que a língua é um sistema fechado, pronto e homogêneo. Isso poderá fazer com que pensem que não são capazes de aprender nas aulas de língua portuguesa, principalmente pelo fato de as aulas de língua materna serem, em geral, baseadas no sistema de regras e não ao uso do mesmo. Assim, há certa distância entre o que a língua que o aluno aprende na escola e a que ele fala e ouve em sua comunidade. Isso pode fazer com que ele se sinta, muitas vezes, deslocado nas aulas.

Para completar esse quadro, o aluno que não domina a variedade dita padrão tende a ser estigmatizado. Isso pode fazer com que ele não se sinta confortável para se expressar e, pior, ache que não consegue falar corretamente. A consequência disso é baixa autoestima e a visão dicotômica de que a língua só tem um uso certo e os demais são errados e que ele e outros falantes de sua comunidade não precisam ser respeitados.

Todavia, essa não é uma verdade. Conforme assinala Bortoni-Ricardo (p.175 2006), a variação linguística cumpre duas finalidades essenciais, a primeira é ampliar a

eficácia da comunicação e a segunda refere-se à marcação da identidade social do falante ou do grupo a que ele pertence. Sendo assim, rejeitar a variedade linguística utilizada pelo aluno envolve rejeitar sua identidade ou a do grupo ao qual o indivíduo pertence. Isso pode fazer com que o aluno se sinta excluído e tenha dificuldade em compreender a relevância de aprender a norma culta, o que tende a desanimá-lo nesse processo.

Portanto, para que o aluno consiga aceitar as diferentes variedades com as quais tem contato, ele deve entender que a língua é heterogênea e sofre variação. Isso vai fazer com que ele não tenha preconceito em relação à fala dos outros nem com respeito à sua própria fala. É imprescindível que o aluno perceba que as variações linguísticas não comprometem a comunicação, pelo contrário, elas são esperadas e sistemáticas. Sem dúvida, os livros didáticos são instrumentos que podem ser utilizados de forma eficaz para uma pedagogia que considere a variação linguística e afaste o preconceito linguístico do ambiente escolar.

Segundo TORRES(2014),

Essa é uma discussão pertinente, tendo em vista que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais ressaltam a importância de respeitar diversidades regionais, culturais, políticas que existem no país. Visto que a língua faz parte da aquisição cultural de um povo, a diversidade da mesma deve ser respeitada. É função da escola, portanto, não apenas respeitar a variedade linguística trazida pelo aluno, mas utilizar a mesma para ensinar, inclusive, a variedade padrão, como forma de enriquecimento cultural de todos. (p.12)

Análise do livro didático

O objetivo desta seção é verificar como a Sociolinguística contribuiu para a inclusão de, pelo menos, um capítulo sobre variação linguística maioria dos livros didáticos. Conforme já assinalado, será considerado aqui o capítulo 12, intitulado *Linguagem e variação linguística* do livro *Português: contexto, interlocução e sentido – volume 1*, da Editora Moderna.

O livro ¹ parte do método indutivo para inserir os conceitos que serão analisados. Portanto, o capítulo começa com a interpretação de um texto, depois parte para o estudo do signo linguístico, para então seguir para os tópicos que aqui nos interessam: *Variação e norma*. Novamente os autores incluem um texto, dessa vez uma charge, que permite que seja discutida a questão da norma padrão. Abaixo encontram-se as questões e o texto.

Para a questão 3, o manual do professor indica que é provável que os alunos respondam que há “erros” na fala do papagaio e do vendedor, mas sugere-se que o professor ‘aproveite para dar início à discussão sobre norma culta e variedades linguísticas’. (p.145 do *Guia de Recursos* do livro didático em análise)

Os autores prosseguem a parte direcionada aos alunos da seguinte forma:

Como falante do português. Você já deve ter percebido situações em que a língua de forma bastante diferente daquela que você se habituou a ouvir nos meios de comunicação ou em outros espaços de convivência. Essa diferença pode manifestar-se no vocabulário utilizado, na pronúncia, na estrutura das palavras e das frases. A variação linguística é natural e decorre do fato de que as línguas são sistemas dinâmicos e extremamente sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social dos falantes e o grau de formalidade do contexto. (ABAURRE, ABAURRE e PONTARA, p. 211, 2010)

¹ Esse é um livro didático muito utilizado, atualmente, nas escolas e o público-alvo são alunos da primeira série do ensino médio.

Pode-se notar que essa introdução ao assunto foi muito bem elaborada. Os autores conseguiram abordar o assunto variação linguística de forma eficaz e adequada à idade e ao grau de instrução dos alunos. Além disso, incluíram os pressupostos teóricos da Sociolinguística, ao mencionar que a variação é um processo natural e indicar em quais níveis da linguagem ela pode ocorrer. É válido ressaltar que não foi mencionada apenas a variação no campo lexical, como muitas obras fazem, mas foram incluídas as variações sintáticas e fonológicas. Uma abordagem como essa contribui para que os alunos tenham uma visão mais ampla do que significa estudar a língua materna e também os auxilia a perceber que a língua portuguesa não é uma, que o certo não pertence aos usos prescritos na gramática tradicional. Na realidade, o importante é que o aluno seja poliglota na própria língua, o que indica que ele deve ser capaz de utilizar as diferentes variedades linguísticas a que tem acesso de acordo com a situação comunicativa em que se encontra.

Os autores ainda incluem um tema muitas vezes deixado de lado, mas que existe, inclusive no ambiente escolar, e que já foi discutido no presente trabalho - o preconceito linguístico:

Embora essa variação seja natural, os falantes de uma comunidade linguística têm, em geral, a expectativa de que todas as pessoas falem de uma mesma maneira. Essa expectativa, socialmente definida e difundida, pressupõe uma forma 'correta' do uso da língua, o que implica a existência de formas 'erradas'. Esta é a base do preconceito linguístico. Preconceito linguístico é o julgamento negativo que é feito dos falantes em função da variedade linguística que utilizam. (p.211)

Sobre isso é importante citar que os autores ainda incluíram um quadro (p.212), cujo título é: "Cuidado com o preconceito". Nesse item, eles criticam os clichês relacionados a determinadas variedades diatópicas, como o fato de a fala dos cariocas ser comparada a um rádio fora de sintonia e a fala do mineiro ser representada pela supressão de sílabas. Para eles, "embora sirva de base para piadas aparentemente inocentes, revela uma visão preconceituosa (consciente ou não) da diferença entre as

variedades regionais.”. Essa observação, sem dúvida, é relevante e influenciada pelos estudos sociolinguísticos atuais.

Os autores ainda afirmam que cada variedade linguística tem o seu valor, pois é “adequada a um determinado contexto e a uma determinada cultura”. (p.212) Depois conceituam e exemplificam as variedades sociais, regionais e estilísticas e as gírias.

No tópico *Mudança linguística*, é feita uma análise satisfatória sobre o assunto, o que inclui mencionar que todas as línguas apresentam mudanças no decorrer do tempo. Além disso, “formas que em uma época eram consideradas ‘erradas’ e/ ou ‘feias’ podem vir a ser consideradas ‘corretas’ e ‘elegantes’.” (p.214) Isso pode ser comprovado pela diferença entre o português quinhentista e o atual.

Há, contudo, dois problemas, sob o ponto de vista sociolinguístico, na abordagem do tema pelas autoras que devem ser mencionados. Segundo elas, “norma culta ou padrão é a denominação dada à variedade linguística dos membros de maior prestígio dentro de uma comunidade”. Essa é uma afirmação questionável, pois uma das contribuições da Sociolinguística foi constatar que mesmo falantes que possuem o nível superior utilizam formas não padrão, principalmente em contextos mais informais. A falta de concordância pode ocorrer nas falas de universitários ou de pessoas analfabetas, mas a frequência é bem diferente, conforme assinalam CEZARIO & VOTRE (2011, p.142)

Além disso, conforme assinala BORTONI-RICARDO:

O *continuum* de urbanização destina-se especialmente à análise dos atributos socioecológicos dos falantes. Já o de *continuum* oralidade/ letramento destina-se especificamente à análise das práticas sociais em que o indivíduo toma parte. O *continuum* de monitoração estilística volta-se para os processos cognitivos de atenção e planejamento no momento da enunciação. (2005, p.52)

Esses três *continua* foram propostos por BORTONI-RICARDO (2006) como um modelo para análise sociolinguística do português brasileiro. Isso permite compreender o motivo pelo qual falantes escolarizados, em determinados contextos, utilizam variantes estigmatizadas. Assim, conceituar a norma padrão ou culta como pertencente a falantes

que possuem maior prestígio é, no mínimo, incompleta, pois isso não ocorre em todas as situações comunicativas. Por isso, o uso da norma culta está relacionada à questão do *continuum* monitoramento estilístico do falante e não apenas ao seu prestígio na sociedade ou grau de escolaridade que possui.

Outro problema, relacionado ao mesmo trecho retirado do livro de ABAURRE, ABAURRE e PONTARA (2010) é pensar nos termos norma culta e norma padrão como sinônimos. Conforme assinala FARACO,

a expressão norma culta/comum/standart² (...) designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem, habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. (...) A norma dita culta é apenas uma dessas variedades, com funções socioculturais bem específicas. Seu prestígio não ocorre se suas normas gramaticais, mas de processos sócio-históricos que agregam valores a ela(..) Enquanto a norma culta/padrão/standart é a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações, a norma-padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística. (FARACO, 2009, p.71-73)

Assim, apesar de muitos tratarem norma culta como sinônimo de norma –padrão, esses são termos que designam diferentes conceitos. Para BAGNO, “as variedades linguísticas reais, empiricamente observáveis, autênticas, que caracterizam a fala e a escrita dos cidadãos urbanos, letrados e socioeconomicamente privilegiados” referem-se à norma culta. Já a norma-padrão está relacionada ao “conjunto de regras padronizadas,

². Essas são expressões vistas como sinônimas pelo autor.

descritas e prescritas pelas gramáticas normativas, inspiradas em estágios passados da língua e principalmente nas opções de um grupo restrito de escritores consagrados (...) Como o próprio nome já diz, é um padrão, um modelo, idealizado (2007, p.130, p.131)

Vale ressaltar que a Sociolinguística permitiu uma análise da língua de forma a considerar os aspectos sociais e extralinguísticos. Por isso a abordagem desse assunto nos livros didáticos pode ser vista como um avanço no que diz respeito às concepções tradicionais de linguagem.

Considerações finais

Percebe-se, assim, que, ao ensinar língua portuguesa, o professor deve demonstrar que a língua é viva, dinâmica e que, portanto, sofre variação. Essa é uma questão importante, tendo em vista que muitos alunos e até mesmo muitos professores de língua portuguesa disseminam a ideia de que existem apenas as noções de certo e errado em língua portuguesa, o que provoca, em muitos casos, o preconceito linguístico.

Considerar a variedade não padrão como sendo uma das diversas variedades que a língua possui possibilita um trabalho de desconstrução de um ensino voltado principalmente para o âmbito da gramática descritiva e normativa. Esse tipo de ensino não permite que o aluno aprenda sobre as construções de sua variedade linguística, mas o força a aprender a variedade culta. Dessa maneira, o aluno passa a ser um ser passivo, que tem apenas a aprender e não é dada a oportunidade ao mesmo de trocar experiências.

Obviamente, isso não indica que a escola não deva ensinar a língua padrão, pois “a aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno”, que deverá ser capaz de empregar a variedade linguística adequada a cada contexto discursivo. (BORTONI-RICARDO, 2006, p.26) Além disso, independentemente da classe social, todos têm o direito de aprender as variedades de prestígio. “O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante”. (BORTONI-RICARDO, 2006, p.15)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, ABAURRE, PONTARA. **Português: Contexto, interlocução e sentido**. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2010
- BAGNO, Marcos. **Norma culta – língua & poder na sociedade brasileira**. 2º Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, MARCOS. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2011.
- BAGNO, MARCOS. **Nada na língua é por acaso – por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira – desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, W. (2008). **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- RAMOS, Heloísa. Falar é diferente de escrever. In: **Por uma vida melhor** (Coleção Viver, Aprender). Editora global, 2011.
- TORRES, Fernanda Soares da Silva. *Estudo de crenças e preconceito linguísticos em alunos do sexto ano de uma escola do município de Paracambi (RJ)*. **Dissertação de mestrado**. UERJ. Rio de Janeiro, 2014.

SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e mestrado em Linguística pela mesma instituição. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa, na Prefeitura Municipal de Paracambi (RJ) e na Prefeitura Municipal de Miguel Pereira (RJ).